

O CASAL FUMAÇA

O jovem casal de professores e pesquisadores de uma das mais prestigiosas universidades públicas paulistas tocava a vida, corrida como sempre em início de carreira. Aulas na graduação e pós, reuniões de grupos de pesquisa, relatórios para a CAPES, FAPESP, CNPq, reuniões de departamento, orientações no mestrado e doutorado, produção de textos e papers para seminários e congressos, trabalhos de extensão em várias cidades da região onde estava o campus em que trabalhavam, longe dos grandes centros urbanos.

Foi quando o chefe do departamento em que atuavam pediu para que participassem da organização de um congresso numa capital do nordeste do país, Natal. Foi um ano de trabalho montando a programação, divulgação, preparando trabalhos e convidando outros pesquisadores para palestras e outras atividades. Havia apenas uma coisa boa: passar alguns dias no nordeste, pois o término do congresso encaixava com o início das férias na universidade, poderiam emendar trabalho e turismo em seguida, poderiam conhecer melhor a cidade e depois viajar a Fortaleza no Ceará, que não conheciam.

O congresso foi um sucesso, deu tudo certo, só receberam elogios dos participantes. Terminado o trabalho, passaram a rodar por Natal, conheceram as dunas, as praias, o casario do centro, alguns museus. Passagem comprada pra Fortaleza, começaram a arrumação na véspera. A professora, com seu talento pra organizar congressos, também fez o mesmo com as roupas. Sobre a cama do apartamento, dividiu todas as roupas, as dela e dele, por tipo, por uso, até por cor. Enquanto isso, o professor, um curioso nato que dividia sua atenção de pratos e bumbos de uma bateria “a la Ringo Starr” a automóveis antigos, ficou intrigado com uma espécie de lareira que havia no quarto do hotel, mais ainda pelo fato de ser uma cidade solar e enalorada do nordeste.

Resolveu acender a tal lareira. Obviamente, ela nunca era utilizada por ninguém, pois desnecessária naquele clima. Funcionava, mas o projeto era ruim: a fumaça se espalhou rapidamente pelo interior do quarto, enquanto a professora tomava banho para a viagem. Quando saiu, pensou que estava havendo um incêndio, mas era apenas a lareira funcionando, logo desligada. Dali meia hora, foram para o aeroporto e embarcaram rumo a Fortaleza, segunda etapa da viagem.

Bateram perna pra todo lado. Estiveram no centro cultural Dragão do Mar, no mercado, nos museus, no teatro José de Alencar, nas praias. Só teve um problema: ficaram conhecidos pelos participantes do grupo de turismo da van que usaram como o “Casal Fumaça”. Todas as roupas ficaram impregnadas da fumaça potiguar, aonde iam levavam o cheiro de defumado junto.

Mauro Ferreira é arquiteto